



EXCURSÃO ÀS ENTRANHAS DA CENTRAL ELÉCTRICA QUE A BARRAGEM MATOU

O titã de tijolo e ferro que, durante toda a metade do século fabricou a electricidade necessária para iluminar as noites públicas e privadas da capital do Império, fazer andar os transportes, pôr em acção as primeiras indústrias modernas e encher os teatros com a luz eléctrica dos filamentos encandescentes das primeiras lâmpadas, agoniza agora junto ao Tejo, na zona de Belém, minado pela saudade que lhe rói as entranhas sob a forma de ferrugem.

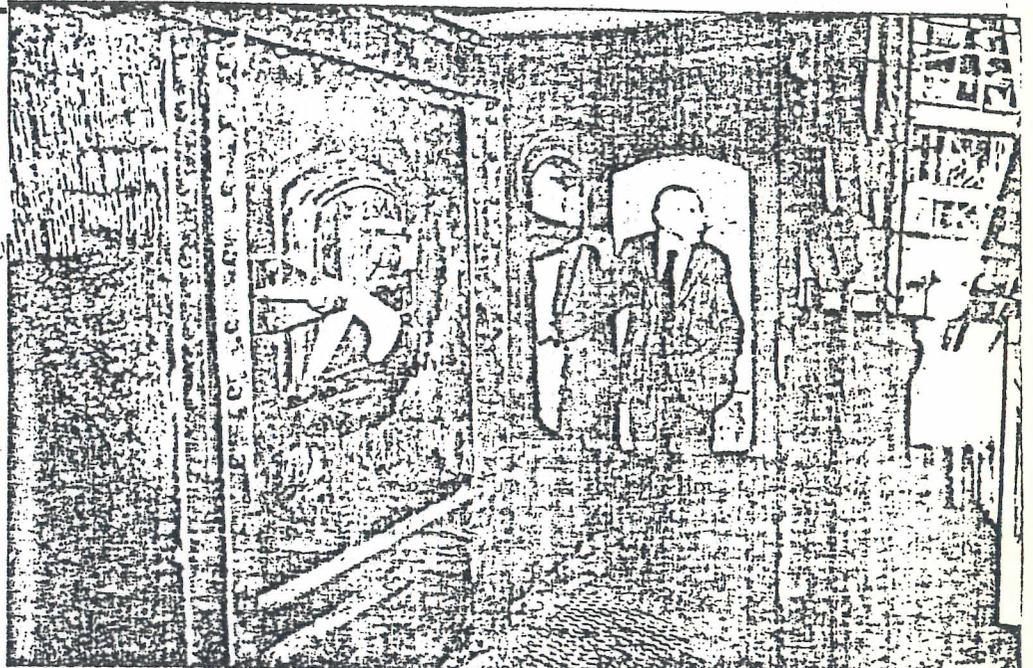
As suas caldeiras de alta pressão, monstros de força e tamanho alimentados a carvão, desenvolviam tensões expansivas quase mágicas para o tempo, canalizadas nas tubagens dantescas que evavam até aos robustos alternadores os fenómenos da Natureza domesticados pelo homem, obrigando-os a produzirem energia capaz de azer da noite dia, sob o banho infernal e característico destes actos de Alquimia violenta.

CENTRAL PRENDEU UM ENGENHEIRO DURANTE 30 ANOS

O engenheiro que dominou, durante mais de 30 anos, este escravo mágico de Aladino saído da lâmpada da tecnologia, e que foi capaz de contê-lo dentro das fronteiras da utilidade pela aplicação das gnhetas da ciência chama-se Mariz Simões e voltou conosco à Central Tejo para, apesar da sua já avançada idade camuflada por evidente lucidez, subir as inúmeras escadas de ferro, encarrapitar-se sobre as oscilantes grelhas de acesso às altas plataformas, numa excursão ao ventre do monstro.

— Era, praticamente, prisioneiro desta central pois até morava cá dentro e aqui trabalhei desde 1925 até aos fins da década de cinquenta—recorda enquanto a alma se lhe espelha nos olhos vivos um deles afectado pela fuligem do carvão.

Este monstro de ferro e aço, com o seu girar impellido pelo vapor de água, fabricou a electricidade necessária que colocou em actividade as primeiras indústrias modernas do século



O engenheiro abriu uma das portas de acesso às fomalhas mas já não saiu de dentro delas o bafo quentíssimo de cultura, antes se fazendo ouvir o rangido dos gonzos enferrujados

As caldeiras de alta pressão, obra-préda de 4 andams, mas minada

durante o funcionamento da fábrica a saturar permanentemente o ar.

A electricidade entrou na vida dos lisboetas, nos fins do século passado, através de uma central também a carvão, localizada na avenida da Liberdade, onde se

encontra actualmente o cinema Tivoli, com a finalidade de iluminar esta artéria e o largo do Rossio, por onde passeavam os Dámasos e os primos Basílios, mirando as carruagens onde as Genovvas se prestavam aos jogos amorosos, mais ou me-

nos platónicos, de quem lhe fazia -pé de alferes-.

Pouco tempo após surgiu uma outra fábrica na rua da Boavista mas, como depressa demonstrou não chegar para as encomendas, obrigou à construção da Central Tejo, em 1906, a qual sofreu várias transformações e ampliações ao ritmo das necessidades criadas pelo aumento do consumo.

Agora, com gestos largos de quem se sente na sua própria casa, apesar de quase ser audível o chorado dos metais dos pesados maquinismos ainda existentes, num pranto de bobinas, alternadores e tubagens dançadas pela Inércia que as vitimou, o engenheiro Mariz Simões puxa os pomenores do poço das recordações com os alcastruzes de uma memória ainda bem fresca:

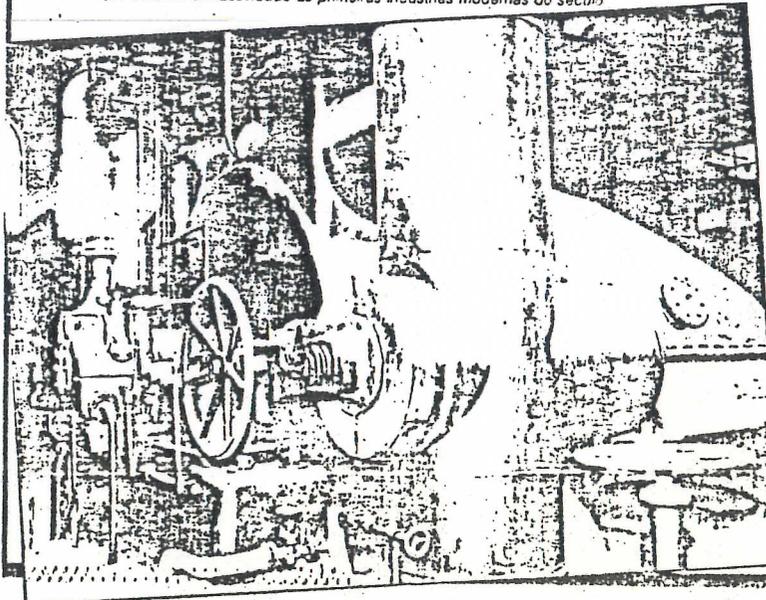
—Apesar das dificuldades que a Guerra Mundial de 1914/18 trouxe ao País foi nessa altura que os Ingleses nos forneceram as primeiras caldeiras, enquanto os sulcos vendiam a primeira turbina às Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, já nesse tempo a responsável pelo abastecimento da electricidade a Lisboa.

Antes do conflito bélico

ecidir fora efectuada uma encomenda de dois grupos geradores aos alemães, com a capacidade de 8000 kilowates por hora, mas estes apenas vieram a entrar na Central Tejo bastante tempo após a assinatura do armistício resultante da derrota do Kaiser, acabando com as soluções de remedeio impostas pela crise dos quatro anos de guerra e com o apertar de cinto pedido pela companhia aos seus clientes.

NOS ANOS VINTE ELECTRICIDADE CUSTAVA 400 RÉIS

Nesta altura já a cidade era percorrida por 385 quilómetros de rede, continua e alterna, a proporcionar aos 6219 consumidores as regalias do chamado século das luzes. Em 1920 os consumos continuavam a crescer e, por um relatório bem característico da época, pode fazer-se uma radiografia do titã plantado à beira Tejo pois ele engolira, nesse ano, 1681 toneladas de carvão, 3708 toneladas de água e após assim digerir no ventre por intermédio de convulsões a alta temperatura, produzira 16460 Megawates/hora vendidos ao preço de 450 réis para

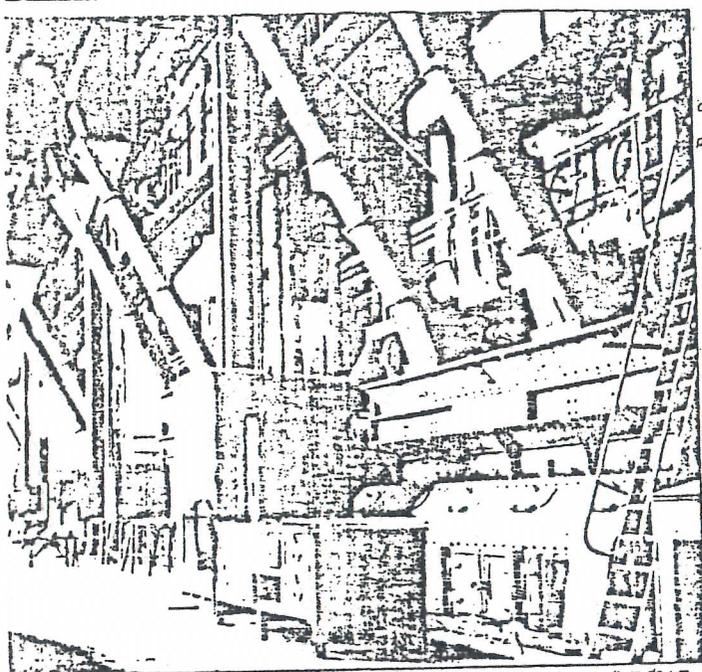




DEPOIS DE FABRICAR ENERGIA DURANTE CINQUENTA ANOS



«Ful prisioneiro desta central electrica durante 30 anos, pois até morava cá dentro» — disse à nossa equipa de reportagem o engenheiro Mariz Simões que nos acompanhou na visita ao gigante



Se crava o vapor que fazia mover os alternadores, ainda hoje são imponentes, com a altura de um prédio de quatro andares

dentro delas o bafo quentíssimo de outrora, antes se faz ouvir o rangido dos gonzos enferrujados num lamento que, apostamos, Mariz Simões é o único de nós a compreender na total essência.

Esfomeadas, aquelas bocas horrondas tudo mastigaram chagando, no tempo da última Guerra Mundial, a deglutir e digerir madeira de pinho, azinho e mesmo bagaço de azeitona. Tudo isto para evitar penosa sensação de se dar ao interruptor, em qualquer casa de Lisboa, e nada acender, nada encandescer ou nada aquecer.

As 10 horas e 55 minutos do dia 17 de Janeiro de 1951 o primeiro estertor agita o corpo do lít: efectuara-se a ligação, em paralelo, com a

Central do Castelo de Bode. Apesar de, em vários anos de cnsé nas reservas da albufeira, ter voltado a funcionar e até ter sido reforçada com os tónicos de novas caldeiras de alta pressão, a Central Tejo nunca mais parece ter sido o que era.

Quando, no final da visita, o homem que nos disse ter-se considerado seu prisioneiro durante tantos anos se despediu de nós ficámos sem saber, ao fim e ao cabo, qual teria sido a sua prisão. Se aquele gigante ou o Mundo para além dele. É que vimos enorme saudade na forma como, connosco, reviveu um pedaço tão importante do seu passado.

Texto: Victor Mendanha
Fotos: Salvador Ribeiro

iluminação, 400 réis para força motriz e 300 réis para os grandes consumidores industriais.

Paramos sobre uma plataforma de rede metálica, da qual se vê a grande casa dos geradores. Cruzando as mãos no espaço à sua frente, em gestos capazes de reforçarem as palavras electrificadas por uma profunda emoção. Mariz Simões lembra:

— Entrei aqui, pela primeira vez, em 1925 e já estavam a instalar outro grupo de alternadores, desta feita de origem sueca e, como o edificio dava para isso, em 1928 reforçámos a potência com um outro de 16 000 kIlowates. Os tais grupos alemães vieram substituir os primeiros aqui instalados, durante a recessão económica de 1935.

Na verdade o edificio permitia ampliações, visto ter sido construído pensando no futuro apesar do dinheiro não abundar nos cofres dos governos da altura. O seu construtor, o francês Fernand Touzel, percebeu a meio da obra faltar às Companhias Reunidas de Gás e Electricidade os fundos necessários, ao pagamento mas, dando um exemplo ainda hoje lembrado, conti-

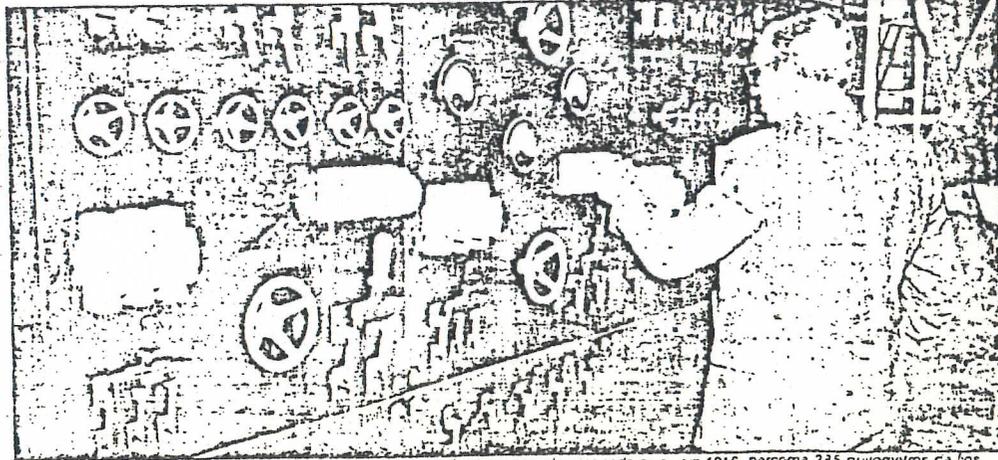
nuou a empreitada enquanto manifestava, até, total confiança nas intenções dos responsáveis pela adjudicação.

ESTÓMAGO GIGANTE ATÉ COMEU BAGAÇO DE AZEITONA

Passamos ao estómago grandioso do gigante, con-

substanciado por várias caldeiras da altura de um prédio de quatro andares, insaciáveis durante os muitos anos em que as toneladas sem conta de carvão nacional e estrangeiro se encandesceram dentro-de si, quais imolações de faquires fanáticos aos deuses luciferinos de fogo.

O engenheiro abre uma das portas de acesso às fornalhas mas já não sai de



Neste quadro antigo se controlavam os geradores, fornecendo luz e energia de uma rede que, em 1916, percorria 385 quilómetros de linhas para servir 6 219 clientes